

# A discordância entre o “eu” e o mundo em *Nove noites*, de Bernardo Carvalho

**Fabília Aparecida Lopes de Oliveira Rocha**

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)  
Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil  
fabrícialopesoliveira@gmail.com

**Ricardo Magalhães Bulhões**

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)  
Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil  
ricardoufms1@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i3.572>

## Resumo

Este artigo aborda a discordância entre o “eu” e o mundo no romance *Nove Noites*, de Bernardo Carvalho. Por meio de suas escolhas textuais, o escritor personifica no seu personagem central, Buell Quain, uma profunda discussão sobre a situação do ser perante as exigências da civilização, tema abordado por Sigmund Freud, em um de seus ensaios mais conhecidos, *Mal-estar na civilização* (2010). Nesse sentido, com base nesse texto do psicanalista e mediante a perspectiva assumida pelos dois narradores (FRIEDMAN, 2002) de *Nove Noites*, este estudo busca discutir a crise de identidade que atingiu o personagem suicida e, ao mesmo tempo, meditar o arranjo literário como espaço de representação das tensões existenciais do homem contemporâneo.

**Palavras-chave:** identidade; Bernardo Carvalho; ficção contemporânea; *Mal-estar na civilização*; Freud.

## The Discordance Between the Self and the World in *Nine Nights* by Bernardo Carvalho

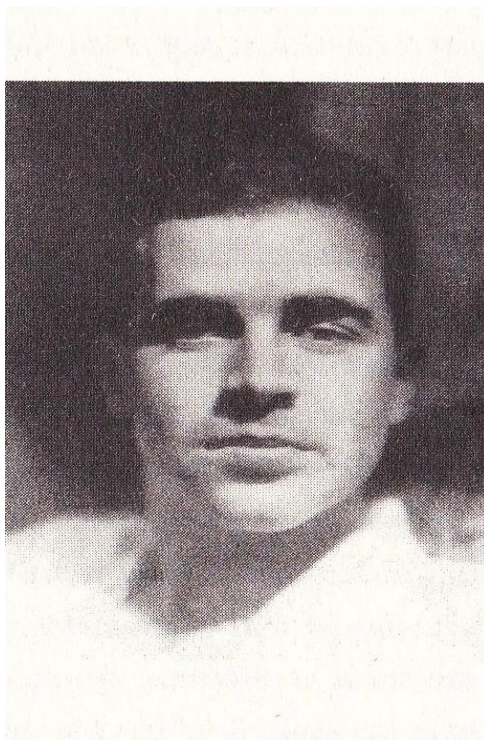
### Abstract

This article discusses the discordance between the "self" and the world in the novel *Nine Nights* by Bernardo Carvalho. Through his textual choices, the writer personifies in his central character, Buell Quain, a deep discussion about the situation of the self before the requirements of civilization, which is a subject debated by Sigmund Freud in one of his most famous texts, *Civilization and Its Discontents* (2010[1930]). In this sense, based on this text, through the perspective assumed by the two narrators (FRIEDMAN, 2002) in *Nine Nights*, this study seeks to discuss the identity crisis that reached the suicidal character and, at the same time, to reflect on literary art as a space for the representation of the contemporary man's existential tensions.

**Keywords:** identity; Bernardo Carvalho; contemporary fiction; *Civilization and Its Discontents*; Freud.

## Introdução

No romance *Nove Noites* (2002), o escritor brasileiro contemporâneo Bernardo Carvalho, autor bastante reconhecido pela crítica<sup>1</sup>, retoma uma das obsessões fundamentais de sua obra: a questão da identidade do ser. Para desenvolver esse tema, ele parte de um acontecimento real. Trata-se da história do antropólogo norte-americano Buell Quain (foto a seguir):



**Figura 1 – Foto de Buel Quain; Carvalho usa imagens reais no romance. Provavelmente, para exibir a fragilidade de conceituações rígidas acerca do real**

Ele veio para o Brasil estudar os indígenas daqui, mas acabou se suicidando em 1939, de forma violenta, no meio da floresta brasileira. Sem motivos aparentes, Quain dilacerou o próprio corpo e enforcou-se perante os índios Krahô, que o acompanhavam no caminho de volta da aldeia indígena para a cidade de Carolina, no Maranhão.

No texto ficcional de Carvalho, por volta de 2001, 60 anos depois da tragédia, um jornalista toma conhecimento dos fatos por intermédio de um artigo de jornal e decide investigar as causas do suicídio. Para desenvolver a trama<sup>2</sup>, o autor intercala as impressões de dois narradores sobre o suicídio. Ambos falam de dentro da narrativa. Com base nas categorias propostas por Norman Friedman (2002), é possível afirmar que a primeira voz (grafada em itálico), de Manoel Perna, funciona como um “eu testemunha”. Ele estivera com Quain por nove noites e na véspera da tragédia, o suficiente para desenvolverem uma relação bastante enigmática.

---

<sup>1</sup> Levou o prêmio Jabuti, na categoria romance, em 2003, pela autoria de *Mongólia* (2002) e, em 2014, pela escrita de *Reprodução* (2013). Com *Nove Noites*, também em 2003, venceu o Portugal Telecom.

<sup>2</sup> O termo “trama”, aqui empregado, corresponde às escolhas textuais do escritor para contar a história desta ou daquela maneira (TOMACHEVSKI, 1976, p. 173).

Ao narrar os fatos, seu tom é sempre ambíguo, melancólico e, ao mesmo tempo, confessional. Inclusive, sua visão dos acontecimentos é apresentada num formato de carta-testemunho. Perna escreve a um interlocutor misterioso e rememora os momentos (aproximadamente cinco meses) que passara com o americano e, contraditoriamente, indica (igualmente) o desejo de entender e ocultar a real opção pelo suicídio. Parece ainda buscar justificar-se por não ter feito mais para evitar a morte de Quain.

A segunda fala, a do jornalista, é uma reflexão acerca dos rumos da sua investigação sobre a morte do antropólogo e, ao mesmo tempo, uma meditação interior de um tipo de narrador-protagonista, conforme descreve Friedman (2002). É possível classificá-lo dessa forma, pois, em determinado momento da história, essa voz identifica-se com o suicida, de tal maneira que acaba por narrar também sua própria trajetória.

A partir disso, o repórter investigativo torna-se igualmente protagonista. Os dois narradores justificam suas falas sob o pretexto de solucionar o mistério da tragédia, porém, o discurso ambíguo e labiríntico de ambos traz mais confusão que esclarecimentos. A manipulação dessas duas vozes parece materializar uma discussão mais intensa, além da tragédia. Isto é, Carvalho usa o acontecimento do suicídio para abordar, num nível mais profundo, a situação existencial de Quain (e do próprio jornalista) diante do mundo externo.

No decorrer do romance, por intermédio desses dois pontos de vista narrativos, é possível perceber que o antropólogo chegou a um nível anormal de desajustamento social e, em meio a uma profunda crise existencial, entendeu que não existia “um mundo no qual coubesse” (CARVALHO, 2002, p. 42). A partir dessa conclusão, o antropólogo decide romper com a realidade definitivamente e, num ato de loucura (ou de extrema consciência que o desacordo é condição de vida), ele tira a própria vida.

Na ficção, essa postura radical (realmente vivenciada fora do ambiente ficcional) é observada no espaço irrestrito da arte e Carvalho, por meio de suas escolhas textuais, personifica em Quain uma profunda discussão sobre a situação do “eu” perante as exigências do meio social, tema abordado por Sigmund Freud (1856-1939) em um de seus ensaios mais conhecidos, *Mal-estar na civilização* (2010). Com base neste texto do psicanalista e mediante o estudo do ponto de vista na ficção, preconizado por Norman Friedman (2002), este estudo busca discutir a crise de identidade que atingiu o protagonista suicida e, simultaneamente, analisar o fazer literário como espaço de representação das tensões existenciais do homem atual.

## **O constante mal-estar na civilização**

Em *Mal-estar na civilização*, ao investigar as raízes da infelicidade humana, Freud demonstrou a constante oposição que existe entre os instintos dos seres humanos e as exigências da civilização. A partir dessa relação conflituosa, ele evidenciou como a sociedade se impõe sobre o indivíduo, causando-lhe uma permanente sensação de sofrimento. Para o psicanalista, a cultura poupa os homens das principais fontes de sofrimento, protegendo-os da natureza e regulamentando os vínculos que criam entre si, mas, em troca, exige o sacrifício de suas pulsões como parte do objetivo de manter a ordem social. Assim, em troca da estabilidade coletiva, existe uma tendência de cerceamento das vontades humanas não “convencionais”.

Dessa forma, do mesmo modo que “a satisfação de instintos é felicidade, torna-se causa de muito sofrer se o mundo exterior nos deixa à míngua, recusando-se a saciar nossas carências” (FREUD, 2010, p. 34). Em decorrência dessa oposição de interesses, “o princípio de busca pelo prazer se converte no mais modesto princípio de realidade, sob a influência do mundo externo” (FREUD, 2010, p. 31). A representação de Quain, no romance, indica uma situação de sofrimento diante desse princípio rígido de realidade. É como se o mundo externo machucasse algo autêntico da sua constituição (identidade). Esse constante mal-estar focalizado no personagem atinge todos nós, de alguma forma e, em *Mal-estar na civilização*, Freud discute opções de alívio em face da dureza do real.

Apesar de alertar sobre o perigo do uso inadequado, assinala o consumo de entorpecentes como técnica eficaz no combate ao sofrimento. Ele critica, por exemplo, o moralismo em torno do uso da *sorgenbrecher* (bebida alcoólica, em alemão coloquial). Para ele, o uso moderado de álcool ajuda a diminuir as pressões da realidade, além de oferecer um mundo próprio com melhores condições de sensibilidade aos homens. Menciona também a prática de meditação dos orientais, exercício que ajuda a abrandar os instintos, de modo que não haja sofrimento por não os realizar. Tal opção, segundo ele, pode garantir apenas “um tipo de felicidade na quietude” (FREUD, 2010, p. 34).

Acrescenta ainda o redirecionamento da libido (energia disponível para os instintos de vida) como forma de afastar o sofrimento. Essa medida consiste em “deslocar de tal forma as metas dos instintos, de forma que os indivíduos não possam ser atingidos plenamente pela frustração oriunda do mundo exterior” (FREUD, 2010, p. 35). Por exemplo, canalizar a satisfação do prazer para atividades intelectuais, como a arte, prática que cria novas realidades. Segundo ele, essa alternativa exige talentos e disposições especiais do sujeito. Freud deixa claro que, ainda nessa opção bastante elevada, não é adequado assegurar completa proteção do sofrimento, pois é impossível sobreviver imune a dores da existência.

Freud comenta também a atitude de colocar o amor no centro da vida como técnica de afastamento da infelicidade. No entanto, ele considera essa medida bastante arriscada, pois “nunca estamos mais desprotegidos ante ao sofrimento do que quando amamos. Nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor” (FREUD, 2010, p. 39).

Por fim, outro artifício bastante radical “enxerga na realidade o único inimigo” (FREUD, 2010, p. 37). Ou seja, o real como fonte de todo o sofrimento. Ao chegar a essa conclusão, a pessoa entende que é impossível viver e decide, portanto, romper todos os vínculos para tentar ser feliz de algum modo:

O indivíduo que, em desesperada revolta, encetar esse caminho para a felicidade, normalmente nada alcançará; a realidade é forte demais para ele. Torna-se um louco, que em geral não encontra quem o ajude na execução de seu delírio. Mas diz-se que cada um de nós, em algum ponto, age de modo semelhante ao paranoico, corrigindo algum traço inaceitável do mundo de acordo com seu desejo e inscrevendo esse delírio na realidade (FREUD, 2010, p. 37-38).

Essa opção de resposta ao sofrimento descreve bem a representação das atitudes do personagem suicida de Carvalho, porque o romance sugere um tipo de angústia diante de um real rígido, sentimento este que levou Quain a buscar abrigo numa cultura

diversa, a indígena. Conforme demonstraremos no próximo tópico, tal opção parece questionar nosso modo “civilizado” de ver as coisas, em razão da focalização do texto, isto é, a construção narrativa rejeita a ideia de uma verdade única e imutável: “realidade é o que se compartilha” (CARVALHO, 2002, p. 149).

Para contestar padrões de “normalidade”, o romance indica em Quain uma busca por outras formas e possibilidades de interpretar o mundo externo. Na ficção, a vivência entre os índios não aplaca o desajuste do antropólogo porque os valores civilizatórios o perseguem mesmo “fora da civilização”. Ou seja, a ideia de civilização não consiste somente num lugar físico e sim em conceitos que aprendemos e reproduzimos, conforme revela a perspectiva dos dois narradores no romance.

Por não conseguir fugir dos valores civilizatórios majoritários, o personagem parece sofrer e, diante do desejo extremo de afastar essa agonia, ele decide romper de modo decisivo com o real. Em razão da eficiente manipulação narrativa de Carvalho e por conta da acertada escolha de contar a história pelo ponto de vista de dois narradores, o romance transmite com tons fortes o incômodo interior do antropólogo e, ao fazê-lo, o texto consegue construir esteticamente o constante mal-estar que assola todos os seres humanos, pois a dor latente da existência, de acordo com Freud, é resultado da própria constituição da civilização.

Para Joel Birman (2005), um dos principais estudiosos da obra freudiana no Brasil, a problemática do desamparo do sujeito no campo social é uma das marcas da leitura de Freud sobre a inserção do ser na modernidade. Pode-se dizer que o estudioso detectou, no espaço moderno, a dificuldade da expressão da subjetividade do ser e uma profunda desarmonia dos laços sociais. Ao constatar a impossibilidade de afastar em grau zero o sofrimento da existência humana em decorrência desse desajuste do ser perante o social, Freud evidencia em seus escritos a permanente discordância entre o “eu” e o mundo, relação esta perceptível no texto de Carvalho.

### **O dilema interior de Quain pelo olhar do narrador-testemunha**

Em *Nove Noites*, os pontos de vista dos dois narradores convergem em destacar o estado de solidão e desamparo em que se encontrava Quain. Comentaremos, inicialmente, a perspectiva de Perna, o narrador-testemunha. Na percepção dele, o suicídio do personagem é o resultado da gestação de um sofrimento que se tornara insuportável:

No dia do seu vigésimo sétimo aniversário, ele me disse que sabia o que era a morte: um excesso que se anula. É ficar mais cansado do que o cansaço permite, exceder as próprias condições, reduzir-se a menos que zero, ultrapassar as vinte e quatro horas de um dia sem chegar ao dia seguinte (CARVALHO, 2002, p. 118).

Conforme avança a sinuosa narração da testemunha, fica cada vez mais nítida a conflituosa relação do antropólogo com o meio externo: “bebeu comigo e me contou que procurava entre os índios as leis que mostrariam o quanto as nossas são descabidas e um mundo no qual coubesse” (CARVALHO, 2002, p. 42). Em decorrência desse sentimento de desajuste, depois de formar-se em Zoologia por uma das melhores universidades americanas e diante de um futuro promissor, Quain, abastado financeiramente, decide trabalhar num navio para viver um tempo com nativos nas Ilhas Fiji, no Pacífico Sul, momento em que inicia seu primeiro contato com a antropologia.

Ao voltar da experiência, ele ingressa no curso de pós-graduação em Antropologia da Universidade de Columbia, vínculo que lhe proporcionara sua experiência de campo entre os índios brasileiros. Seu trabalho de campo no Brasil era orientado por Ruth Benedict, uma das principais representantes da corrente sociológica que ficou conhecida por associar cultura e personalidade, “na tentativa de explicar o comportamento pela inserção social e assim relativizar os conceitos de normalidade e anormalidade” (CARVALHO, 2002, p. 14). Ao escolher seus orientandos, Benedict sempre priorizava estudantes “em desacordo com o mundo” (CARVALHO, 2002, p. 14).

Essas descrições do personagem aludem a uma possível desarmonia perante as imposições da civilização. Conforme ensina Freud, a atitude de evitar a realidade ou mesmo romper definitivamente com ela pode indicar uma intenção de afastar a infelicidade frente a um real que não contempla os anseios de identidade do sujeito. A necessidade de buscar esse relativismo cultural por intermédio da antropologia sugere que Quain rejeitava a versão do mundo em que vivia e indica seu anseio por recriar outro real, “no qual os aspectos mais intoleráveis sejam eliminados e substituídos por outros segundo o próprio desejo do sujeito” (FREUD, 2010, p. 38).

Segundo Freud, todos os seres humanos sofrem diante do mundo real. Porém, em alguns casos, a realidade torna-se fonte de toda a amargura do sujeito. Foi o que aconteceu com Quain. A vivência entre os indígenas, parte da sua intenção de relativizar os conceitos majoritários de “certo” e “errado” de sua cultura, não o ajudou a criar um “novo mundo no qual coubesse”. Diante disso, o antropólogo desiste do embate que é a existência. Conforme descrevem os dois narradores, ele dilacerou o próprio corpo com giletes e enforcou-se, deixando “cartas impressionantes, mas que nada esclarecem” (CARVALHO, 2006, p. 6).

A solução do mistério, aliás, sobre o oculto motivo do suicídio acaba se colocando como algo secundário em *Nove Noites*. Inclusive, no final do livro, o enigma fica sem solução concreta. A maneira como a história é conduzida pelos dois narradores parece indicar que Carvalho deseja discutir, antes de tudo, a posição do “eu” perante as exigências da civilização. O assunto aparentemente central, a causa secreta da morte, acaba tornando-se subproduto da tensão maior que contempla a discordância entre o ser e o mundo.

Não é a partir dessa obra que o autor vem discutindo os conflitos que envolvem o “eu”. Na tese *Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea* (2006), Diana Irene Klinger afirma que *Nove Noites* “representa o ponto culminante de duas questões, claramente interrelacionadas, que atravessam toda a obra ficcional de Bernardo Carvalho: as questões da representação e da identidade” (KLINGER, 2006, p. 182). Na nossa hipótese, a discussão da constituição da identidade em *Nove Noites* passa, necessariamente, pelo confronto do ser diante das exigências da cultura, conforme sugere a voz de Perna, ao analisar as revelações feitas por Quain:

Em algum momento, todos se sentirão sozinhos e abandonados. Só um teste incessante aos limites do corpo pode nos dar a consciência de que continuamos vivos. Se pomos o corpo à prova, não é pelo caminho fútil de saber até aonde podemos ir, não é para desafiar os limites, mas para saber onde estamos – embora aos outros possa parecer que cometemos um ato contra a natureza (CARVALHO, 2002, p. 118).

A passagem insinua uma tensão em torno da interioridade de Quain, pois algumas de suas atitudes são recebidas, pelos “outros”, como “antinaturais”. Em outro trecho do livro, numa das cartas citadas pelo jornalista, dona Heloísa, tutora do pesquisador no Brasil, diz ter conhecimento sobre “certas coisas” que o antropólogo andava fazendo no Rio de Janeiro. Confessa ainda temer alguns dos comportamentos dele e pede que o jovem se abra com ela, pois garante “ser compreensiva com as misérias humanas” (CARVALHO, 2002, p. 107). Mesmo tendo condições de ficar hospedado em áreas nobres, o texto diz que ele escolheu uma pensão “num reduto de prostituição e malandragem”, a Lapa. Ao citar o local que Quain escolheu, o narrador lembra outra personalidade ilustre do bairro, Madame Satã, figura icônica da vida noturna e marginal carioca da primeira metade do século 20.

Segundo Perna, esses comentários da tutora deixavam o antropólogo bastante chateado. No trecho citado acima, por exemplo, esse aborrecimento fica expresso na luta do personagem contra o próprio corpo. O embate corporal vivido pelo ser ficcional, segundo revelações da testemunha, faz lembrar mais uma vez a relação paradoxal que envolve os desejos do ser e as exigências do social. Como já dissemos anteriormente, essa relação conflituosa, conforme revela Freud, é motivo de sofrimento para todos os homens, mas, em alguns casos, os indivíduos não suportam a pressão.

Quain, por exemplo, não conseguiu fazer a gestão desse mal-estar para continuar vivendo. Ao encontrá-lo, todo ensanguentado, o índio João Canuto, que o acompanhava de volta para a cidade, perguntou o motivo daquela atitude, “e o tresloucado respondeu que precisava amenizar o sofrimento” (CARVALHO, 2002, p. 75). Esta ação tão radical, descrita no romance, nos remete a nossa vivência humana, pois, por meio da experiência conflituosa do personagem, Carvalho nos desperta para a observação desse constante embate que é a existência.

Fica a provocação: Quain é realmente louco por não aceitar o real imposto pelo coletivo? Ou a realidade atribuída pelo social é uma loucura? Com base nisso, é possível dizer que a construção do romance é bem-sucedida em termos artísticos, pois, em razão “da seleção e concentração de elementos humanos no protagonista” (ROSENFELD, 2002, p. 23), podemos ver nossa condição contraditória de maneira mais profunda.

### **A crise existencial de Quain pela percepção do narrador-jornalista**

A segunda voz do romance, a do narrador-jornalista, começa seu relato com um tom bastante objetivo. Porém, durante o curso da investigação, o contato com a história de desamparo de Quain leva-o a adotar um tom bastante pessoal e autorreflexivo. Numa busca obsessiva por desvendar o misterioso motivo da morte do antropólogo, ele transforma-se em um tipo de narrador-protagonista, que busca na sua própria memória, ao se esgotarem as possibilidades de respostas no curso de sua apuração, uma forma de solucionar um problema sem solução: “eu estava contaminado pela loucura dele” (CARVALHO, 2002, p. 102).

Nesse ponto da história, o desamparo do suicida parece refletir a situação existencial do próprio jornalista: “ninguém nunca me perguntou, e por isso também não precisei responder. Todo mundo quer saber o que sabem os suicidas” (CARVALHO,

2002, p. 23). Por meio desse e de outros pensamentos, essa voz indica que deseja, a todo custo, entender a imagem da vida que Quain viu antes da decisão pela partida.

A compreensão dessa questão parece sugerir uma ideia de alívio interior para esse falante. Então, num momento de provável delírio, ele volta no tempo, nos anos 90, na fase final da doença de seu pai, e faz uma suposição bastante absurda: afirma que a resposta do caso do suicídio pode estar no leito de morte de seu genitor. Ele resgata a figura de um americano que era companheiro de quarto de seu pai no hospital e insinua (sem nunca confirmar) que aquele paciente seja o fotógrafo com quem Quain mantinha uma amizade misteriosa. Esse amigo do antropólogo, conforme sugere o narrador-testemunha, estaria ligado à motivação do suicídio.

Conforme a investigação avança, a loucura desse narrador cresce e a causa da morte se situa, novamente, como suporte de uma reflexão maior. Carvalho também, pela percepção dessa voz, continua tratando os conflitos que envolvem o ser. Numa das cenas, o jornalista não consegue dormir por conta da sua obsessão e, ao acaso, ele abre uma antologia e lê *Elegia 1938*: “Trabalhas sem alegria para um mundo caduco/ [...] Sente calor, sente frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual/ [...] Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição/ Porque não podes sozinho dinamitar a ilha de Manhattan” (CARVALHO, 2002, p. 102).

Por meio da citação, o romance estabelece um diálogo entre o caos do mundo, retratado por Drummond, e o sentimento de desamparo de Quain diante dessa desordem. Já que o antropólogo não pode detonar “sozinho” a ilha de Manhattan, uma espécie de símbolo do mundo “civilizado” capitalista, ele decide implodir a si mesmo como forma de conter o sofrimento e as contradições que o alcançam. A atitude radical do americano parece mexer muito com o jornalista porque suas falas evidenciam o peso e a fragilidade do “real” que nos é imposto. Diante desse sentimento, ele decide reviver os lugares onde o antropólogo esteve. Encontra o silêncio dos índios e experimenta, da mesma forma que o antropólogo, uma convivência complexa e sem respostas entre os nativos brasileiros. Perante a frustração, ele resolve, novamente, buscar em si mesmo, uma resposta para o caos do seu investigado:

Decidi-me por uma interpretação selvagem e um tanto moral: *Cãmtw`yon* (nome indígena de Quain) passou a ser, para mim, ao mesmo tempo a casa do caracol e o seu fardo no mundo, a casca que ele carrega onde quer que esteja e que também lhe serve de abrigo, o próprio corpo, do qual não pode se livrar a não ser com a morte, o seu aqui e o seu agora para sempre. *Cãmtw`yon* passou a ser para mim o rastro do caracol: não adianta fugir, aonde quer que você vá estará sempre aqui. A imagem me fez lembrar um texto de Francis Ponge sobre os caracóis: ‘Aceita-te como tu és. De acordo com os teus vícios. Na proporção da tua medida’. (CARVALHO, 2002, p. 72)

Ao observar a experiência drástica de Quain, o jornalista ressalta o embate cultural que é a existência e conclui: “não adianta fugir, aonde quer que você vá estará sempre aqui” (CARVALHO, 2002, p. 72). Já que não é possível fugir de quem somos, o narrador parece sugerir uma ideia de enfrentamento dos valores civilizatórios que sufocam aspectos autênticos do “eu”. Isto é, existir não implica, necessariamente, somente penúria, na medida em que nos aceitamos por meio de um padrão estabelecido por nós mesmos: “na proporção da tua medida” (CARVALHO, 2002, p. 72).

Como não podemos viver nossa experiência interior sem uma espécie de confronto com o social, as ponderações desse narrador sugerem o enfrentamento dessa



relação conflituosa. Essa indicação do jornalista dialoga com a concepção freudiana da existência como gestão do sofrimento.

## Conclusão

Conforme demonstramos até aqui, *Nove Noites* aborda uma das obsessões fundamentais de Bernardo Carvalho: a questão da identidade do ser. A discussão se estabelece, no romance, por meio do confronto de Quain perante as exigências da civilização. As reflexões dos dois narradores, ao longo da obra, revelam uma discussão não apenas acerca do suicídio em si, mas centralizam o constante mal-estar que atormentava o antropólogo.

Carvalho, ao representar as crises existenciais do personagem suicida, evidencia como nossa própria existência está imersa num constante embate, pois, assim como Quain, somos pressionados em nossa individualidade, em nome do bem-estar coletivo, conforme ensina Freud. Nesse sentido, é possível dizer que o texto do autor construiu, esteticamente, a constante oposição que existe entre os instintos humanos e as exigências da cultura. Essa relação conflituosa que atinge a constituição do “eu” aparece na obra, pois o romance consegue mostrar como a sociedade se impõe sobre o indivíduo, causando-lhe uma constante sensação de sofrimento.

Diante de tal dilema existencial, Quain não conseguiu “deixar o mundo em ordem”, não encontrou “um mundo onde coubesse” e tampouco conseguiu recriar “outro real”, no qual pudesse expressar livremente sua personalidade, porque a ideia de civilização é também uma concepção de confronto entre as necessidades do ser e as imposições do meio externo. Ao representar a ocorrência dessa contradição permanente, *Nove Noites*, sobretudo por meio dos posicionamentos do narrador-jornalista, demonstra a fragilidade daquilo que nos é apresentado como real pela civilização: “realidade é o que se compartilha” (CARVALHO, 2002, p. 149).

Após essa constatação, o tom pessimista que dominou o romance abre espaço para um “ainda sim”, e as reflexões desse narrador passam a sugerir outra possibilidade de resistência perante a realidade como alternativa ao abandono da vida. Isto é, o americano tentou conter as dores da existência desistindo do real, literalmente, pela morte, enquanto o jornalista parece desejar fazê-lo reescrevendo-o, ou seja, ficcionalizando. Dessa forma, Carvalho nos apresenta, em uma linguagem bastante criativa, a arte como forma de enfrentamento perante um social que não contempla os anseios do sujeito. Por meio do uso da palavra, o autor parece indicar a possibilidade de um espaço e uma ordem nos quais seja possível uma vivência mais completa da individualidade do “eu”. Esse lugar mais tolerante é a ficção.

## REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: a Psicanálise à Prova do Social. *Physis: Revista Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 15, p. 203-224, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v15s0/v15s0a10.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2015.

CARVALHO, B. *Nove noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 150 p.

FRIEDMAN, N. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. *Revista USP*, São Paulo, n.53, p. 166-182, mar./mai. 2002. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/53/15-norman-2.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2015.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 495 p.

KLINGER, D. I. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 2006. 204 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ROSENFELD, A. Literatura e personagem. In: CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. 125 p.

TOMACHEVSKI, B. et al. *Teoria da literatura: os formalistas russos*. Tradução de Ana Mariza Ribeiro Filipouski. Porto Alegre: Globo, 1976. 280 p.

**Recebido em:** 01/09/2015

**Aprovado em:** 02/02/2016